

RICHARD H. POPKIN: ALGUMA VEZ HUME LEU BERKELEY?¹

Isabela Pereira da Cunha

Universidade Federal de Santa Catarina

isabelapereirac@live.com

Jaimir Conte

Universidade Federal de Santa Catarina

j.conte@ufsc.br

Há cerca de cinco anos, comecei a suspeitar de que Hume nunca tinha lido Berkeley. Quando examinei os textos de Hume para ver se confirmavam meu palpite, logo observei que havia muito pouca evidência para sugerir que existia uma conexão direta entre as visões filosóficas dos dois homens. Uma vez que geralmente se considera que Hume é o “último homem” do trio anglo-iberniano Locke-Berkeley-Hume, seria de se esperar encontrar em seus escritos indicações extensas (a) de que ele estava ciente dos pontos de vista de Berkeley, (b) de que estava seriamente preocupado com eles, (c) de que suas teorias e conclusões filosóficas singulares derivavam de uma análise intensiva da posição de Berkeley e, finalmente, (d) de que Hume via sua própria filosofia como proveniente da mesma corrente filosófica britânica que perpassava as obras de Locke e Berkeley.

Um novo exame dos pontos de vista de Hume, com base nessa nova abordagem, confirmou minha suspeita de que não há nenhuma evidência real de que Hume estivesse seriamente preocupado com os pontos de vista de Berkeley, ou que ele chegou às suas próprias teorias a partir de uma análise da posição de Berkeley, ou que via sua própria filosofia como uma espécie de culminação da sequência de Locke-Berkeley. Em contraste, porém, existem, como mostra o professor Wiener, algumas evidências que sugerem que Hume estava ciente das ideias de Berkeley. No entanto, minhas próprias pesquisas e as de um ex-aluno, Dr. H. M. Bracken, indicam que essa evidência positiva de influência pode ser explicada sem supor que Hume realmente tenha lido Berkeley. Essas descobertas também

¹ Texto original disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2021948>

sugerem que as opiniões de Berkeley eram geralmente consideradas como motivo de brincadeiras na época e que, portanto, é improvável que um jovem filósofo brilhante lhes tenha dado atenção séria.

Com base nesse material, comecei há alguns anos a escrever um estudo que chamei de “Hume leu Berkeley?”. Mas, logo tornou-se evidente que um exame definitivo dessa questão exigia um estudo textual cuidadoso de Berkeley e Hume; também parecia necessário comparar os textos de Hume com outras fontes prováveis, como o *Dicionário* de Bayle e o *Tratado filosófico da fraqueza do espírito humano* de Huet. Como eu também estava trabalhando em vários outros projetos, não levei este estudo a cabo, mas permaneci, contudo, convencido, pelo que já havia sido descoberto, de que Hume provavelmente não havia lido Berkeley.

Quando comecei a revisar o livro do professor Boas, estava tão acostumado a sustentar essa posição que nunca me ocorreu que os leitores ficariam surpresos com minha afirmação reconhecidamente superficial dessa visão. O professor Wiener, com razão, cita isso e pede minhas evidências.

Antes de oferecer um resumo das razões que desenvolvi, sinto que devo pedir desculpas por sua natureza incompleta. Para apresentar um argumento o mais convincente possível, um estudo muito mais detalhado certamente deve ser feito.

Em primeiro lugar, tendo sido educado com a visão de que Locke gerou Berkeley e Berkeley gerou Hume, fiquei surpreso ao encontrar apenas três referências a Berkeley em todo o conjunto de escritos publicados de Hume! E, em apenas duas delas Hume discute diretamente uma visão defendida por Berkeley e a usa no desenvolvimento de sua própria filosofia.

A terceira dessas três referências a Berkeley aparece no ensaio “*Do caráter nacional*” que discute um “*bon mot*” do *Alciphron*² de Berkeley. Uma vez que *Alciphron* é posterior ao desenvolvimento da filosofia de Hume, e uma vez que a familiaridade com um “*bon mot*” não requer que ele tenha lido o *Alciphron* (a maioria de nós pode citar *bons mots* de livros que não

2 David Hume, “Of National Characters”, em *Essays and Treatises on Several Subjects*, vol. I (London, 1768), pp. 236-237, onde, depois de discutir as opiniões de Bacon sobre como os europeus do norte e do sul diferem, Hume diz: “Esta observação é confirmada por um escritor recente [nota: Dr. Berkeley: Filósofo Minucioso] ao compararmos gênios do sul com os pepinos, que são todos de boa qualidade; mas que, na melhor das hipóteses, são frutos insípidos: Enquanto os gênios do norte são como melões, dos quais nenhum em cinquenta é bom; mas quando é bom, tem uma sabor requintado.” A passagem em Berkeley, que é bastante diferente do texto de Hume, aparece em *Alciphron*, V, 26, pp. 204-205, em *The Works of George Berkeley*, Luce-Jessop ed., Vol. 11 (Londres, 1950)

lemos), essa referência no máximo sugere apenas a simples possibilidade de que Hume tenha lido Berkeley.

As outras duas referências aparecem no *Tratado* e na *Investigação sobre o entendimento humano*, respectivamente, e tratam da teoria das ideias abstratas de Berkeley. Essas constituem a *única* evidência interna positiva de que Hume realmente leu Berkeley. A primeira delas, aquela do *Tratado*, à qual o professor Wiener chamou a atenção, é onde Hume fala do ataque de Berkeley às ideias abstratas como “uma das maiores e mais valiosas descobertas feitas recentemente na república das letras”, que ele pretende tentar “confirmar mediante alguns argumentos que, espero, eliminarão qualquer dúvida e controvérsia a seu respeito”³. A segunda evidência, presente na *Investigação*, ocorre como nota de rodapé a um breve resumo do argumento contra as ideias abstratas. Hume afirma: “Este argumento é extraído do Dr. Berkeley; de fato, a maior parte dos escritos desse autor muito engenhoso compõem as melhores lições de ceticismo que se pode encontrar entre os filósofos antigos ou modernos, incluindo Bayle. Ele professa, no entanto, no subtítulo (e sem dúvida com grande sinceridade) ter composto seu livro contra os cétricos, bem como contra os ateus e livres-pensadores. Mas todos os seus argumentos, embora tenham outra intenção são, na realidade, meramente cétricos, pois *não admitem resposta e não produzem nenhuma convicção*. Seu único efeito é causar aquela perplexidade, irresolução e confusão momentâneos que são o resultado do ceticismo.”⁴

Essas duas passagens parecem, à primeira vista, constituir uma evidência esmagadora contra minha hipótese de que Hume provavelmente nunca leu Berkeley. No entanto, descobertas do Dr. Bracken e minhas mostram que outras possibilidades podem ser oferecidas para explicar as fontes de Hume para essas passagens. Em outras palavras, Hume poderia ter conhecido tanto a teoria das ideias abstratas de Berkeley, quanto a posição de Berkeley como um refutador cético do ceticismo, sem ter realmente lido Berkeley.

Com relação à questão das ideias abstratas, o Dr. Bracken descobriu que esse aspecto do pensamento de Berkeley apareceu principalmente na forma de citações ampliadas, alteradas e não identificadas, no artigo “*Abstraction*”, na bem conhecida e muito lida *Cyclopaedia of Ephraim Chambers*, publicada pela primeira vez em 1728. Sobre o ataque às ideias abstratas, Chambers chegou a dizer: “No entanto, um eminente e engenhoso autor recente, o Dr. Berkeley, contestou a realidade de tais ideias; avançando significativamente na

3 David Hume, *A Treatise of Human Nature*, Selby-Bigge ed. (Oxford, 1951), Book I, Part I, Chap. VII, p. 17.

4 David Hume, *Enquiry concerning Human Understanding*, Selby-Bigge ed. (Oxford, 1951), Sect. XII, Part I, p. 155n.

subversão de todo o sistema e, conseqüentemente, abrindo caminho para colocar a filosofia numa nova base”⁵.

A apresentação do caso de Berkeley na *Cyclopaedia de Chambers* sugere, pelo menos, uma outra fonte possível para a discussão de Hume no *Tratado*. A avaliação de Chambers sobre a importância do argumento de Berkeley pode ter sido a fonte da visão semelhante de Hume (especialmente porque Chambers parece ter sido o primeiro e o único escritor do período a levar Berkeley a sério sobre o assunto das ideias abstratas). Além disso, os pontos e exemplos discutidos por Hume, sobre as ideias abstratas na *Investigação* aparecem todos na versão truncada de Chamber da Introdução aos *Princípios* de Berkeley, e a redação de Chambers parece mais próxima da de Hume do que do texto original de Berkeley.

Além disso, encontrei duas outras discussões sobre ideias abstratas que se assemelham às de Hume em vários aspectos. Uma delas é a que aparece no *Traité* do Bispo Huet (escrito em 1691-1692 e publicado em 1723), um livro ao qual Hume se refere nos *Diálogos sobre a religião natural*.⁶ A outra discussão, pelo Chevalier Michael Ramsay, entra em alguns detalhes ao explicar a teoria de Berkeley e em seguida tenta refutá-la. Embora as opiniões de Ramsay não tenham sido publicadas até 1748, provavelmente eram conhecidas por Hume, uma vez que Hume discutiu filosofia com Ramsay quando foi à França para escrever o *Tratado*, e Ramsay parece ter recebido Hume como um *protégé* [protegido] por um breve período.⁷

A descoberta da presença da teoria das ideias abstratas de Berkeley na *Cyclopedia* de Chambers, juntamente com outras discussões sobre o tema que Hume poderia ter conhecido, permite outra explicação para os únicos dois textos de Hume que parecem indicar que ele alguma vez leu Berkeley. Também vale a pena notar neste ponto que (1) a discussão de Hume sobre ideias abstratas no *Tratado* dificilmente se assemelha à de Berkeley, (2) ela se assemelha à de Huet ou à de Ramsay pelo menos tanto quanto se assemelha à de Berkeley, e (3) Hume não faz nada com este ponto. Ele não funciona como uma razão ou evidência para

5 Ephraim Chambers, *Cyclopaedia, or an Universal Dictionary of the Arts and Sciences* (London, 1741), 5th ed., Vol. I, art. “*Abstraction*” (sem número). Dr. Bracken descobriu que o material de Berkeley permaneceu inalterado desde a primeira edição de 1728 até a de 1741, que é o único disponível para mim no momento

6 Pierre-Daniel Huet, *Traité philosophique de la faiblesse de l'esprit humain*, Livro 11, cap. iii. Este trabalho foi publicado pelo menos três vezes em inglês na década de 1720. Nos *Diálogos* de Hume, Kemp Smith ed. (Edimburgo, 1947), Parte I, p. 138, o tratado de Huet é brevemente discutido.

7 Ramsay discute Berkeley sobre ideias abstratas em sua obra póstuma, *The Philosophical Principles of Natural and Revealed Religion* (Glasgow, 1748), Vol. I, pp. 198-199. Sobre as relações de Hume com Ramsay durante o período de 1734-37, ver CD Henderson, Chevalier Ramsay (Londres, 1952), pp. 205-207, e Ernest C. Mossner, *The Life of David Hume* (Austin, Texas, 1954), pp. 93-96. Sobre a influência de Ramsay em Hume, ver R. H. Popkin, “*David Hume and the Pyrrhonian Controversy*”, *Review of Metaphysics*, Vol. VI (1952-53), pp. 67-69 e 74-75, e “*The Skeptical Precursors of David Hume*”, *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. XVI (1955), pág. 69

nenhuma de suas conclusões posteriores. Na melhor das hipóteses, o tópico parece ser levantado apenas por uma questão de completude na Parte I do *Tratado*. Na *Investigação*, a questão é levantada no capítulo conclusivo da obra meramente como um adendo ao caso do cético, que já foi desenvolvido nos primeiros onze capítulos, totalmente independente da negação de Berkeley das ideias abstratas.

O cerne da referência na *Investigação* passa da consideração de Berkeley sobre as ideias abstratas para uma avaliação dos méritos dos argumentos de Berkeley em geral e, finalmente, para uma condenação de Berkeley por seu ceticismo à luz de seu propósito declarado na página de rosto (não é indicada a obra – *Princípios* ou *Diálogos?*). Isso parece ser uma forte evidência de que Hume leu Berkeley. No entanto, pesquisas feitas pelo Dr. Bracken e por mim sobre as avaliações de Berkeley na primeira metade do século XVIII mostraram que muitos escritores do período, incluindo seus compatriotas escoceses, Henry Home, Lord Kames, Andrew Baxter, e o Chevalier Ramsay, já haviam zombado de Berkeley por fingir refutar o ceticismo enquanto oferecia uma filosofia totalmente cética. Hume poderia facilmente ter apreendido essa visão sobre Berkeley sem nunca ter lido os textos. A visão de Hume parece seguir o padrão usual do século XVIII, que na verdade começou com a publicação dos *Princípios* de Berkeley e continuou até Voltaire, Diderot e muitos outros: o padrão de considerar Berkeley um *sceptique malgré lui*, que de maneira um tanto louca ou tola tentou refutar o ceticismo, defendendo-o. Tendo em vista a recorrência desse tema ao longo da primeira metade do século, e seu forte reforço na década de 1730 devido ao ataque de Andrew Baxter, Hume poderia facilmente ter se juntado ao grande número de provocadores de Berkeley e usado suas zombarias, sem tê-lo lido.⁸

A outra evidência positiva levantada pelo Professor Wiener é a questão do *Rankenian Club of Edinburgh* e suas relações com Berkeley. Infelizmente, não possuímos informações suficientes sobre as discussões do *Club* com Berkeley, ou sobre as relações de Hume com o clube. A descrição das relações do *Club* com Berkeley (parte da qual é citada por Wiener a partir de Mossner) data de 1771. O texto completo indica que o *Club* considerava as opiniões de Berkeley estranhas e se correspondia com o filósofo irlandês para mostrar-lhe as

8 Cf. R. H. Popkin, “Berkeley and Pyrrhonism,” *Review of Metaphysics*, Vol. V (1951-52), esp. pp. 244-246; e a tese de doutorado de H. M. Bracken na State University of Iowa in 1956, *The Early Reception of Berkeley’s Immaterialism: 1710-33*. (Esta obra acaba de ser publicada pela Nijhoff em Haia.) Até o momento, nenhum estudo sistemático foi feito sobre o destino de Berkeley, de 1733 a 1750, mas as discussões que tenho observado, especialmente em escritores franceses da época, chegam muito, muito perto do que Hume diz na nota de rodapé na *Investigação*. (Aliás, o Dr. Bracken aponta que Baxter dependeu muito da apresentação de Chambers sobre Berkeley como sua fonte material para seu ataque. Isso indica que, na época de Hume, a *Cyclopaedia* de Chambers foi considerada por alguns (e, neste caso, pelo crítico mais veemente de Berkeley) como uma apresentação adequada da filosofia de Berkeley.)

conclusões ridículas da sua filosofia.⁹ Nisso, eles compartilharam a avaliação das opiniões de Berkeley sustentada por alguns pensadores escoceses que Hume conhecia. A correspondência aparentemente ocorreu antes de 1725, portanto, quando Hume tinha no máximo 14 anos de idade. Os estudantes universitários não eram admitidos no Clube, o que descartaria a participação de Hume. Se ele sabia das atividades do Clube, e se isso o levou a pesquisar os pontos de vista de Berkeley (ou se o levou a decidir que eram bobagens ou loucuras), não podemos dizer com base nas informações disponíveis.

Até que se saiba mais sobre o *Club* e sobre Hume nessa época, não temos nenhuma base para inferir que as atividades do *Club Rankenian* em relação a Berkeley tiveram algum efeito sobre Hume, ou tiveram o efeito de levá-lo a ler os textos de Berkeley.

Passando dos fatos afirmativos do caso para os negativos, encontramos, acredito, razões muito mais fortes para duvidar que Hume alguma vez tenha lido Berkeley. Em primeiro lugar, nem na correspondência conhecida nem nos primeiros *Memoranda* (1729-1740), Hume faz qualquer menção a Berkeley. Este último documento é, penso eu, o mais importante. Consiste num fragmento que resta das reflexões e anotações de Hume durante o período de composição do *Tratado*. Mas entre a ampla variedade de autores que são mencionados, o nome de Berkeley não aparece! É possível, é claro, que ele tenha sido mencionado em uma parte perdida do documento.¹⁰

No *Tratado*, exceto pela seção sobre ideias abstratas, nenhuma doutrina peculiarmente berkeleyana é mencionada ou discutida. Nas seções onde seria logicamente esperado que as ideias de Berkeley fossem abordadas, especialmente na Parte II, cap. 6 (“Da ideia de existência e da existência externa”), Parte IV, caps. 2, 4, 5 e 6 (sobre o mundo externo, filosofia moderna, a imaterialidade da alma e a natureza do Eu *|self|*, mais as discussões do apêndice sobre esses assuntos), Berkeley não é mencionado, nem suas impressionantes e surpreendentes teorias jamais são expostas, aludidas ou rejeitadas. Muitas outras teorias, por exemplo, as de Locke, Malebranche, Bayle, Leibniz e Spinoza, são mencionadas, aprovadas ou contestadas, mas nada de Berkeley é mencionado. Tendo em vista o fato de que aprendemos a pensar em Hume como o empirista britânico que eliminou os traços metafísicos

9 As “Memoirs of Dr. Wallace of Edinburgh,” publicadas na *The Scots Magazine* em 1771, p. 341, é a fonte desta informação. Lá nos é dito que o clube “se divertiu mantendo uma correspondência literária com o eminente e piedoso prelado Berkeley... na qual eles levaram suas crenças singulares até os extremos surpreendentes aos quais foram conduzidos em publicações posteriores”. Também nos é dito que Berkeley ficou tão feliz com seus argumentos com os Rankenians que os convidou para se juntar a ele em seu projeto nas Bermudas. Sobre o pouco que se sabe sobre os Rankenians, ver Mossner, *The Life of David Hume*, pp. 48-49 e 618.

10 Cf. E. C. Mossner, “Hume’s Early Memoranda, 1729-40: The Complete Text,” *Journal of the History of Ideas*, Vol. IX (1948), pp. 492-518.

remanescentes em Berkeley, esperaríamos encontrar a teoria berkeleyana dos espíritos e das noções considerada na Parte IV, caps. 5 e 6, do *Tratado* onde Hume discute o problema da alma e do Eu *[self]*. Mas, é claro, isso não acontece. (É sugestivo que as pesquisas do Dr. Bracken mostrem que, na apresentação de Berkeley por parte de Chambers, as referências ao lado positivo de sua teoria dos espíritos ou noções foram removidas das citações).¹¹

Além disso, nas seções do *Tratado* em que Hume defende pontos de vista que ele e Berkeley têm em comum, por exemplo, sobre nosso conhecimento do mundo externo, a terminologia empregada por Hume não é a de Berkeley, nem os exemplos são semelhantes. O texto parece (e aqui ainda é necessário fazer uma análise textual muito mais cuidadosa) ser muito mais parecido com o de Bayle e Huet em sua terminologia e exemplos. E, quando Hume difere de Berkeley sobre esse assunto, como no *Tratado*, Parte IV, cap. 2, e na *Investigação*, seção. XII parte 2, ele não mostra por que poderia ter rejeitado a solução de Berkeley, mas afirma que o problema é insolúvel.

No que se refere à matemática, onde Berkeley e Hume muitas vezes compartilham uma visão singular, Hume nunca menciona Berkeley, nem se refere à animada controvérsia de Berkeley com “os matemáticos infiéis”, embora provavelmente fosse por isso pelo que Berkeley era mais conhecido na época. (É estranho que Hume, que tinha tanta estima por suas próprias teorias sobre matemática, nunca tenha apelado a Berkeley como um aliado, mas apenas lamentou o fato de que “Eu me expus à inimizade de todos os metafísicos, lógicos, matemáticos, e até teólogos; e posso me admirar com os insultos que devo sofrer?”).¹²

Nos *Diálogos*, especialmente na Parte I, onde Hume alude brevemente a várias ideias estranhas sobre questões filosóficas, ele ataca ou zomba de Bayle, Huet e Glanvill, mas não de Berkeley (mesmo após a publicação de *Siris*).¹³

Tudo isso indica negativamente que, mesmo que Hume tenha lido Berkeley, ele não foi afetado por suas teorias, ou se interessou em explorá-las.

Além disso, há o fato intrigante de que duas vezes no *Tratado*, Hume se esforça para se situar em uma tradição filosófica importante, e em nenhum dos momentos se considera um sucessor de Berkeley. Em uma nota de rodapé da Introdução ao *Tratado*, Hume lista alguns de seus predecessores na “Tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais”. A lista inclui “Sr. Locke, Lord Shaftesbury, Dr. Mandeville, Sr.

11 Bracken, “Berkeley and Chambers”, p. 126.

12 Hume, *Treatise*, Book I, Part IV, sec. 7, p. 264

13 Hume, *Dialogues*, Part I, pp. 138-139. A página 136 parece aludir a Glanvill, como o cético que acredita em bruxas, mas tem dúvidas sobre a geometria euclidiana.

Hutchinson, Dr. Butler, etc.”, mas não menciona Berkeley¹⁴. Na Parte IV, intitulada “*Do ceticismo e outros sistemas filosóficos*”, Hume ataca os outros sistemas e argumenta em favor de seu sistema, o cético. Assim, quando Hume se situa filosoficamente, é em duas tradições, a dos moralistas britânicos e escoceses, e a dos céticos. (Em consonância com isso, quando terminou o *Tratado*, ele tentou obter patrocínio ou aprovação de um membro de cada tradição, o Bispo Butler, e Pierre Desmaizeaux, o editor das obras de Bayle.)¹⁵

Além disso, é improvável que no período de 1725-1740 um filósofo tivesse examinado seriamente os escritos de Berkeley e empregado e desenvolvido suas ideias. As poucas discussões publicadas sobre Berkeley durante esse período são em sua maioria maldosas e negativas, tratando as teorias de Berkeley como extravagantes, uma extravagância bastante perigosa. Só fui capaz de descobrir dois filósofos deste período que trataram Berkeley como um pensador importante e digno de apreço. Um era seu discípulo americano Samuel Johnson, e o outro, um estranho calvinista francês, David-Renaud Boullier.¹⁶ Nenhum desses admiradores de Berkeley escreveu sobre suas opiniões até depois da publicação do *Tratado* de Hume. Não há nada na literatura do período que indique que se esperaria que um jovem intelectual tivesse lido os escritos de Berkeley, mas, ao contrário, o tom que perpassa as discussões em Lord Kames, Baxter, Voltaire e assim por diante, indicaria que se esperava que um jovem intelectual zombasse e fizesse piadas se o nome de Berkeley fosse mencionado. (E o comentário de Hume na *Investigação* parece se encaixar neste cenário.)

Além disso, há o ponto negativo de que Hume discute, cita e ataca todos os tipos de filósofos direta e indiretamente, mas não Berkeley, exceto pela única referência no *Tratado* e a única na *Investigação*. Em comparação com a quantidade de evidências internas da influência de Locke, Malebranche, Bayle e muitos outros, é surpreendente (especialmente em vista da tradição) o quão poucos são os sinais de que Hume estava seguindo os passos de Berkeley

14 Hume, *Tratado*, Introdução, p. xxi, n. 1. A mesma lista é fornecida por Hume em sua própria resenha do *Tratado*, *Uma sinopse do Tratado da natureza humana*, 1740 (Cambridge, 1938), p. 7. Berkeley, é claro, não é mencionado de forma alguma na *Sinopse*.

15 David Hume, *The Letters of David Hume*, ed. por G. Y. T. Greig (OX-ford, 1932), Vol. I, pp. 24-26 e 29-30.

16 Sobre Johnson e suas relações com Berkeley, ver Samuel Johnson, *President of King's College: His Career and Writings*, ed. por H. e C. Schneider (New York, 1929)) Vol. 11; e R. H. Popkin, “*Berkeley's Influence on American Philosophy*”, *Hermathena*, Vol. LXXXII (1953)) pp. 128-133. Sobre Boullier e Berkeley, ver R. H. Popkin, “*David-Renaud Boullier et l'évêque Berkeley*,” *Revue Philosophique*, Vol. CXLVIII (1958)) pp. 364-370.

Os revisores originais da obra de Hume na Inglaterra e Holanda o comparam a uma variedade de predecessores, mas não a Berkeley.¹⁷ Apenas uma das primeiras resenhas alemãs sugere que Hume e Berkeley são pensadores relacionados.¹⁸ E eu acredito seriamente que, até os ataques de Thomas Reid, a partir de 1764, nem Hume nem outros na Inglaterra, França ou Holanda pensaram em uma tradição que consistisse em Locke, Berkeley e Hume. Reid e Kant, em termos das questões em que estavam interessados, podiam olhar para trás e ver, ou projetar, uma tradição e, então, ler Hume nos termos dessa tradição.¹⁹

Para voltar à última página da história, se as evidências históricas indicam que (a) é mais provável que Hume não tenha lido Berkeley, do que o contrário, e que (b) os fatos são mais compatíveis com a teoria de que ele não leu Berkeley (embora não se possa negar a possibilidade de que Hume leu Berkeley mas não foi influenciado por ele), então o que se segue? Historicamente, mesmo que Hume não tenha derivado seus pontos de vista diretamente de Berkeley, não foi Hume, como sugere Wiener, na verdade o herdeiro filosófico de Berkeley (embora ele tenha sido original em muitos aspectos) e o herdeiro de uma longa linhagem de pensadores britânicos empíricos e nominalistas?

Eu diria que não. Tradicionalmente, lemos Hume como se ele fosse o sucessor de Berkeley. Enfatizamos aquelas seções que seriam mais importantes se ele fosse. Mas, ao fazer isso, penso que perdemos muito (e o melhor) de Hume. Em termos do que ele discute, quais novas visões ele tem, o que ele assume como certo, acho que Hume parece fazer mais sentido quando lido (a) como o sucessor de Bayle e Huet, e (b) como o sucessor de Francis Hutcheson e do bispo Butler. A contribuição de Hume (e, eu argumentaria também, sua intenção) foi unir o pirronismo de Bayle, e talvez de Huet, à análise naturalística positiva dos moralistas britânicos e escoceses de sua época.

Em uma visão mais ampla, Hume tem algumas afinidades com as opiniões dos nominalistas britânicos medievais e com Hobbes e Locke. Mas, em uma visão tão ampla, ele

17 Mossner, *Life of Hume*, cap. 10, resume o tom e o conteúdo das resenhas do *Tratado*. As resenhas que examinei sobre a *Investigação* não veem Hume como o sucessor de Berkeley. Berkeley é mencionado na resenha do *Tratado*, vol. 111, na *Bibliothèque raisonnée des ouvrages des savans de l'Europe*, XXVI (jan.-mar., 1741), p. 424, mas apenas para apontar que é estranho que Hume não tenha discutido um ponto sobre “entusiasmo” levantado por Berkeley no *Alciphron*, Diálogo III.

18 A resenha do *Tratado* na *Göttingische Zeitungen von Gelehrten Sachen*, de 1740, na p. 10 retrata Hume e Berkeley como estando de acordo sobre ideias abstratas. Esta é, acredito, a primeira vez que os dois são vistos como ligados.

19 Na verdade, para ser mais cauteloso, é provável que na década de 1750 Berkeley e Hume comecem a ser considerados juntos, à medida que ambos passam a ser aceitos como pensadores importantes. Isso se desenvolve, acredito, entre os Enciclopedistas, e possivelmente de forma mais significativa entre os pensadores da Academia Prussiana, como Formey, Mérian e Sulzer, que traduziram Hume para o francês e o alemão, comentaram sobre ele e também discutiram sobre vários pontos da filosofia de Berkeley.

também tem afinidades com a tradição céptica montaigniana, com a tradição cartesiana e com a tradição platônica inglesa. Qual é a mais importante dessas relações envolve toda uma teoria da história da filosofia. Meus escritos anteriores indicam onde estou; eu classificaria a tradição céptica como mais importante do que qualquer outra para traçar as origens do pensamento de Hume.

A meu ver, como disse em minha resenha de Boas (e como Boas disse em seu prefácio), fomos aprisionados por uma mitologia sobre nossa herança filosófica. Os historiadores alemães da filosofia do final do século XVIII e início do século XIX construíram o passado histórico da filosofia contemporânea. Eles destacaram as duas grandes tradições anteriores a Kant, a dos empiristas britânicos (Bacon, Locke, Berkeley e Hume) e a dos racionalistas continentais (Descartes, Spinoza, Leibniz e Malebranche), com Kant como o sintetizador das duas. Esse esquema teve, e ainda tem, suas grandes virtudes, na medida em que delineou claramente as questões cruciais e os pensadores importantes em relação a um desenvolvimento histórico do pensamento. No entanto, esse esquema tem o vício de restringir os pensadores e as questões que consideramos. Ganhamos em simplicidade, mas perdemos em riqueza e variedade. Mais do que isso, por que deveríamos agora estar presos às questões e ao pensamento que nos foram dados pelos estudiosos alemães de um século e meio atrás, especialmente se novas pesquisas indicam outras linhas de desenvolvimento?

Quando se olha para o mundo filosófico dos séculos XVII e XVIII, não em termos das habituais classificações e categorias históricas, mas de uma forma mais ampla, como Boas faz em seus *Dominant Themes*, encontra-se um mundo mais rico de questões e inspirações filosóficas, e, eu diria, maiores gigantes intelectuais. A mente de Hume se torna muito mais interessante e estimulante quando vista em termos das múltiplas questões e tradições de seu tempo.

Quão mais ousada se torna a figura de Hume quando vista nesse rico contexto do que quando ele é visto apenas como o sucessor extremamente inteligente de um Berkeley, que ele provavelmente nunca leu!

Richard H. Popkin
State University of Iowa, Iowa City

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

POPKIN, R. 1959. Did Hume Ever Read Berkeley? In: *The Journal of Philosophy*. Volume LVI, número 12, pp. 535-545.

<https://doi.org/10.2307/2021948>